

O FEMININO COMO RESISTÊNCIA NA OBRA *DESONRA* DE COETZEE (2000)

THE FEMININE AS RESISTANCE IN COETZEE'S *DISGRACE* (2000)

Ruane Maciel Kaminski Alves

<ruanekaminski@gmail.com>

Mestranda em Letras -Linguagem e Sociedade,
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

<http://lattes.cnpq.br/3456946504562773>

Ximena Antonia Díaz Merino

<ximenadm2@gmail.com>

Doutora em Letras Neolatinas - Literaturas Hispânicas
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Professora do PPG em Linguagem e Sociedade, Centro de Educação,
Comunicação e Artes, campus de Cascavel (UNIOESTE)

<http://lattes.cnpq.br/5441675628597584>

RESUMO

Este trabalho tem como proposta a análise do romance sul-africano *Desonra* de J. M. Coetzee (2000), traduzido para o português por José Rubens Siqueira, pela editora Companhia das Letras. O livro aborda as relações humanas no contexto pós-*apartheid*, no qual o homem branco representa uma figura deslocada na sociedade contemporânea carregando ideologias coloniais e, na contraposição da história, também a mulher branca violentada pelo homem negro, que inicia um processo de retomada da terra. Estudar-se-á a obra, verificando em que medida a narrativa aborda o contexto histórico e social sobre o qual ancora o tema além de analisar as imagens do feminino como metáfora do sistema colonial. Paralelo às pesquisas pós-coloniais, o feminismo e a imagem da mulher também se desenvolvem em trabalhos que buscam o rompimento com a sociedade tradicional patriarcal, como demonstra a inversão das estruturas coloniais. Devido ao modo como o tema é tratado em *Desonra*, investigar-se-á os conceitos de identidade, alteridade e resistência a partir das personagens femininas na obra, com base nos estudos de Homi Bhabha (2005), Stuart Hall (2003), Alfredo Bosi (2002), Thomas Bonnici (2009), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: pós-colonialismo; literatura; identidade; alteridade; África do Sul.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the South African novel *Disgrace* by J. M. Coetzee (2000). The book deals with human relations in the post-apartheid context, in which the white man represents a displaced figure in contemporary society, carrying colonial ideologies and, in a historical contraposition, also the white woman raped by the black man, who starts a land retaking process. The book will be analyzed, to verify to what extent the narrative addresses the historical and social context on which the theme is anchored, besides analyzing the images of the feminine as a metaphor of the colonial system. In parallel with postcolonial studies, feminism and the image of women also develop in studies seeking to break with the traditional patriarchal society, as evidenced by the reversal of colonial structures. Because of the way the subject is dealt within *Disgrace*, we will investigate the concepts of identity, otherness and resistance from the book's female characters, based in studies of Homi Bhabha (2005), Stuart Hall (2003), Alfredo Bosi (2002), Bonnici Thomas (2009), among others.

KEY-WORDS: Post-colonialism; literature; identity; otherness; South Africa.



*Não tenho voz; perdi-a há muito tempo; talvez nunca tenha tido uma.
Não tenho voz nenhuma, é isso.
O resto poderia ser silêncio.
Mas com esta – seja lá o que for -, esta voz que não é voz nenhuma, eu continuo.
Vou continuando
(A IDADE DO FERRO, 1992).*

INTRODUÇÃO

O romance de J. M. Coetzee, *Disgrace* (1999), traduzido para o português como *Desonra* (2000), por Rubens Siqueira para a Companhia das Letras, pode ser lido como uma literatura pós-colonial¹, na qual reside a função de questionar o poder colonial europeu e buscar a valorização da cultura e do povo nativo. A produção da literatura pós-colonial se deu a partir da Segunda Guerra Mundial, momento em que as colônias passaram a reivindicar os seus direitos e autonomia frente ao colonizador; assim, pode-se definir como “[...] uma literatura que se identifica com o movimento de resistência para a transformação das sociedades que passaram pela experiência colonial” (BOEHMER, 1995 *apud* RAMOS, 2009, p.2).

Segundo os autores Ashcroft, Griffiths e Tiffin, citados por Thomas Bonnici, no livro *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais* (2009):

O pós-colonialismo compreende toda a cultura influenciada pelo processo imperial desde o início da colonização até a contemporaneidade. Independente de suas características especificamente regionais, a literatura pós-colonial é o resultado da experiência de colonização baseada na tensão com o poder colonizador (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN *apud* BONNICI, 2009, p.26).

As produções literárias africanas modernas, pós-coloniais, portanto, assumem o caráter de denúncia, indagação e questionamento frente à violência e à segregação impostas durante o período colonial e o regime separatista *apartheid*. De acordo com Bonnici, no artigo *Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês* (2006), “[...] a crítica literária frequentemente tem se omitido de conectar os textos literários aos contextos históricos e sociais dos quais se originam” (BONNICI, 2006, p. 14). Torna-se importante, portanto, relacionar as produções pós-coloniais literárias com os contextos sociopolíticos das regiões que enfrentaram o

¹A literatura pós-colonial deve ser analisada no contexto da cultura vivida na região afetada pela colonização europeia, já que ela é um dos componentes integrais dessa mesma cultura. Embora a literatura pós-colonial possa se limitar à cultura nacional exclusivamente após a independência política, a aceitação mais comum é mais abrangente. (BONNICI, 2009, p.26).

imperialismo e ainda carregam desigualdades resultantes destes processos coloniais. Para entender este contexto de resistência imposto nas produções artísticas africanas, deve-se conhecer a história do continente e, em especial, da África do Sul – país de origem do autor de *Desonra* e cenário da narrativa – com ênfase nos momentos marcados pela segregação racial e pós-*apartheid* que formam o contexto de produção da obra.

A colonização da região da África do Sul, por ser um país com grande diversidade cultural e natural, sofreu com as explorações e divisões arbitrárias realizadas pelos colonizadores. A atração pelo domínio da região também se deve pela localização da cidade do Cabo, que era um porto conveniente para quem vinha do Ocidente rumo ao Oriente. A Companhia das Índias holandesa se instalou na região em 1652 e enviou o comandante Jan Van Riebeeck, que se desentendeu com os *Khoikhois* (ou chamados pelos holandeses como *hottentots*, grupos nativos da África do Sul) e aprisionou os líderes do movimento iniciando definitivamente a colonização. Após a instalação das colônias, os colonizadores resolveram se diferenciar dos compatriotas holandeses, assim, intitularam-se *Boers* (que significa fazendeiros) ou *Afrikaaners* (africanos) que falam *afrikaan*.

Em 1943, o Partido *Herenigdeparty* e *Afrikanerparty* dominaram o governo e em 1948, uniram-se para a criação do *NationalParty*, Partido Nacional, com a instauração do *apartheid*. Este período de segregação obrigou os negros a sentar em bancos públicos separados, usar entradas de prédios e banheiros diferentes, sendo proibidos casamentos inter-étnicos e além da obrigatoriedade dos negros carregarem um “passê” permanente para o trânsito no país, que continha nome, identificação e etnia. Houve também o remanejamento dos negros para uma área longe do centro da cidade, as *homelands*. Como aponta Bandeira (2008), o sistema do *apartheid* buscou a legalização de um sistema racista já existente, assim, “A institucionalização da segregação tornou oficial e sujeitou a penalidades o descumprimento de várias leis racistas que separavam os homens e jogaram o país em um sistema de repressão e medo” (BANDEIRA, 2008, p.03).

A segregação imposta com o *apartheid* na África do Sul envolveu as demais nações que juntamente com a Organização das Nações Unidas lutaram para acabar com o regime que, em 1994, teve fim com a primeira eleição multirracial do país na qual Nelson Mandela foi eleito o

primeiro presidente negro da África do Sul. No mesmo ano, iniciou-se a elaboração das *Comissões da Verdade e Reconciliação*².

O FEMININO COMO RESISTÊNCIA NA OBRA *DESONRA* DE COETZEE (2000)

A narrativa de *Desonra* (2000) contém a noção de literatura e resistência, ao modo explicado por Alfredo Bosi (2002). Para tratar do conceito de resistência, Bosi revisita a dialética das distinções de Benedetto Croce, segundo a qual, ética e estética seriam de campos diferentes do conhecimento, mas, com a possibilidade de translação de sentido entre as duas esferas. Para que sejam interconectadas, é necessário que o autor explore os valores da vida em sociedade – parte do tecido vivo de qualquer cultura. Interferindo diretamente no trato social, os valores estariam no fim da ação – como objetivo dela – e em seu princípio – como motivação. Essa interação entre os campos ético e estético garantiria, para o teórico, a vitalidade das esferas artísticas e teóricas e levaria o escritor a buscar por meio da literatura uma descolonização simbólica dos significados dominantes, conforme EloínaPrati dos Santos (2005):

Ao dar expressão à experiência do colonizado, os escritores pós-coloniais procuram subverter, tanto temática, quanto formalmente, os discursos que sustentaram a expansão colonial: os mitos de poder, raça e subordinação, entre outros. A literatura pós-colonial mostra as marcas profundas da exclusão e da dicotomia cultural durante o domínio imperial, as transformações operadas pelo domínio cultural europeu e os conflitos delas decorrentes. (SANTOS, 2005, p. 343).

Ao refletir sobre este momento de imperialismo é necessário entendê-lo como uma extensão do sistema capitalista de produção, que buscava inserir o capitalismo nos países regidos por outras formas de organização econômica. Bonnici (2006), também propõe que dada esta relação entre o colonialismo (e conseqüentemente, o pós-colonialismo) e o capitalismo, “[...] pode-se dizer que a “identidade”, um dos temas da literatura feminista pós-colonial, frequentemente carece do termo “classe” ou esse termo permanece marginalizado” (BONNICI, 2006, p.15). O crítico, portanto, deve estabelecer uma análise completa sobre todos os elementos que permeiam o discurso e a sociedade que forma o seu contexto, pois o retrato constante, por

² As Comissões intituladas *TruthandReconciliationCommission* (TRC) estabeleceu um pacto com as elites no poder para possibilitar a mudança na política, com a garantia de determinados direitos que seriam suspensos caso a tomada do poder acontecesse pela revolução.

exemplo, da mulher oprimida “[...] não é uma constante trans-histórica, mas é produzida por meio da estrutura da classe e serve às necessidades do capitalismo” (BONNICI, 2006, p.15).

Em *Desonra* (2000), além da inversão do esquema pós-colonial, representada na mudança do mundo urbano para o rural, vivenciada pela personagem David Lurie – que, após perder seu cargo na universidade e se ver envolvido em um caso de abuso sexual contra sua aluna negra, Melanie, muda-se para Salem, área rural da África do Sul, onde mora sua filha, Lucy. A personagem feminina Lucy também sofre um deslocamento (que se refere às transformações no mundo pós-colonial) ao ter de ceder as suas terras e bens em troca de proteção ao negro Petrus (trabalhador negro da fazenda), que já possuía um pedaço de terra, mas desejava obter toda a propriedade. A fala da personagem Lucy reforça o sentimento de deslocamento: “E se... e se esse for o preço que eu preciso pagar para continuar?” (COETZEE, 2000, p.179). Preço por viver em um país no qual ela é “estrangeira”, mas acima de tudo, preço por entender que é preciso mudar para continuar na sociedade emergente do fim do regime de segregação, que não resultou em uma sociedade mais humana, mas ainda carrega os traços da “idade do ferro”³.

Como reflete Edward Said em *Orientalismo* (1990), muitas produções dos colonizadores visam definir uma visão ocidental sobre o Outro de forma a limitar o conhecimento e estabelecer uma distinção entre o Ocidente e os Outros⁴. Como estes discursos criam relações de poder e submissão, as produções sul-africanas visam apagar qualquer vestígio da dominação e da colonização. No início do processo colonizador, há a busca do colonizado em imitar a cultura “superior” do colonizador, porém, quando esta imitação não agrega o prestígio desejado, o colonizado se revolta. As produções literárias resultante ainda são iniciais, mas já possuem autonomia, crítica, denúncia e ruptura para uma conscientização política.

De acordo com Albert Memmi, em *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* (1977), este novo momento é marcado pela tentativa de ruptura com esta sociedade e cultura que lhe retirou toda a sua história e tradições,

Foi arrancado de seu passado e detido de seu futuro, suas tradições agonizam e ele perde a esperança de adquirir uma nova cultura, não tem língua, nem

³Referência à obra *Idade Do Ferro* (1992) de JM Coetzee, no qual a personagem Elizabeth percebe que a sociedade *apartheid* funciona como um tempo do ferro, em analogia ao mito das raças de Hesíodo, no qual os homens almejam a guerra e o sentimento de amor e solidariedade não existem mais.

⁴Por tratar de um contexto de opressão resultado dos sistemas imperialistas, pode-se estender tal análise aos demais contextos coloniais como o caso da África do Sul.

bandeira, nem técnica, nem existência nacional nem internacional, nem direitos, nem deveres: *nada possui, nada mais é e nada espera* (MEMMI, 1977, p.111). (grifo do autor).

Essa situação na qual o colonizado se vê, expressa por Memmi (1977), é percebida em *Desonra* (2000) no momento em que Lucy, branca e homossexual, é violentada por um grupo de homens negros e decide não dar queixa pelo abuso, pois percebe essa nova sociedade de inversão dos poderes, na qual ela é um elemento deslocado daquele espaço. Lucy acredita que, como branca, ela não pertence naturalmente àquele espaço e precisa agora perder tudo para iniciar uma nova vida, para se redimir e ser aceita, como um processo de redenção: “Começar do nada. Com nada. Não com nada, mas... Com nada. Sem cartas, sem armas, sem propriedade, sem direitos, sem dignidade” (COETZEE, 2000, p.231).

Paralelo às pesquisas pós-coloniais, o feminismo e a imagem da mulher também se desenvolvem em trabalhos que buscam o rompimento com a sociedade tradicional patriarcal, como demonstra a inversão das estruturas coloniais. A reconstrução do cânone literário que, de acordo com Bonnici (2000), dá-se pelo “[...] questionamento dos princípios básicos dos sistemas dominantes da linguagem e do pensamento” (BONNICI, 2000, p.155), sendo a mulher representativa também da colônia, tendo como intenção do discurso feminista e pós-colonial a (re) integração da mulher na sociedade. David não alcança a subjetividade das mulheres com quem convive, dessa forma, não acredita ter sido estupro o seu envolvimento com Melanie, apenas indesejado; como também não entende as escolhas de Lucy, entretanto, como Lucy destaca: “Talvez, pensando bem, ela não guarde ressentimentos. É surpreendente como as mulheres são inclinadas a perdoar” (COETZEE, 2000, p.81).

A mulher como metáfora da exploração da terra pelo homem é recorrente nos romances pós-coloniais, segundo Coetzee (1988), citado por Marília Bandeira (2008). Estaliteratura, que se inicia com o gênero pastoral, “[...] invokes the myth in which the earth becomes wife to the husband-man⁵” (COETZEE, 1988 apud BANDEIRA, 2008, p.17). A violação e a violência contra as mulheres se remete à relação homem-mulher, mas também,

[...] é um tropo da colonização e do relacionamento metrópole colônia. Como poderia o masculino tentar impor sua vontade sobre a mulher sem pedir o seu consentimento, objetificando-a e tentando anular a sua identidade, o poderio

⁵ “[...] invoca o mito no qual a terra se torna na esposa do homem-marido” [tradução nossa].

colonial inglês tem a mesma intenção e os meios para fazer o mesmo com as tribos e as terras ameríndias (BONNICI, 2000, p.174).

No romance *Desonra* (2000), as mulheres representadas, como a exótica prostituta Soraya e a aluna negra Melanie, também são marcadas pelo silêncio e pela falta de expressão nas suas ações. Marília Bandeira (2008) disserta que o silêncio, no contexto de produção dos autores de exploração e colonização, revela

[...] um sujeito cercado por discursos e ideologias inerentes ao seu tempo e local, que restringem os sentidos e os significados possíveis do que pretende dizer, silenciando algumas vozes. Dessa forma, as construções que calam esse “outro” que é diferente de “mim” podem tanto refletir o posicionamento e a crença construída por uma sociedade, quanto o desejo de subverter as normas impostas, gerando novos significados ao seu leitor (BANDEIRA, 2008, p.69).

A violência sofrida pela personagem, vítima de aviltamento e silenciamento, pode ser compreendida como uma metáfora extensiva a todo o povo aviltado e silenciado pelo processo de colonização. Essa mulher expressa através do silêncio que não há justiça. Melanie e Soraya representam a subjugação da mulher frente o homem, elemento marcante no sistema colonial. Melanie, no momento do assédio de David, não tem “forças” para se soltar, mas o envolvimento com o professor não representa para ela um sentimento desejado. Porém, David não compreende essa resistência e apenas conclui que:

Ela não resiste. Tudo o que faz é desviar: desvia os lábios, desvia os olhos [...] Estupro não, não exatamente, mas indesejado mesmo assim, profundamente indesejado. Como se ela tivesse resolvido ficar mole, morrer por dentro enquanto aquilo durava, como um coelho quando a boca da raposa se fecha em seu pescoço [...] (COETZEE, 2000, p.32-33).

A única saída encontrada por Melanie, no momento, é se ausentar e não comparecer mais às aulas, então, David a questiona sobre as aulas que ela não frequenta mais e sobre a prova que deixou de fazer: “Melanie, eu tenho responsabilidades. Dê, pelo menos, os passos que tem de dar. Não faça a situação ficar mais complicada do que já é” (COETZEE, 2000, p.43), mas ela não responde e o narrador comenta: “Responsabilidades: ela não se digna a responder” (COETZEE, 2000, p.43). Quando Melanie decide denunciar o assédio, David recebe uma carta de intimação para um inquérito que será realizado na universidade para a investigação do fato – o que pode ser entendido como uma crítica às Comissões da Verdade e Reconciliação. Mas, David reflete, “Melanie não teria dado esse passo sozinha, disso ele tem certeza” (COETZEE, 2000, p.48). David não compreende que foi indesejado para Melanie e não consegue admitir que este fosse o motivo

para denunciá-lo, apenas afirma que a denúncia não pode ter partido dela ou que ela estava sob pressão demais: “[...] os pais dela ficaram sabendo e baixaram na Cidade do Cabo. A pressão foi demais, acho” (COETZEE, 2000, p.81).

A incompreensão de David dos sentimentos de Soraya e de Melanie pode ser entendida como a falta de interesse do colonizador de entender o colonizado, que neste momento de exploração é coisificado. Melanie e Soraya quase não possuem voz dentro do romance e seus pensamentos muitas vezes são transmitidos pela voz do narrador e, em outros momentos, através dos pensamentos e julgamentos que David faz sobre as duas. Como formula Anne McClintock (1995) os homens nacionalistas apontam que o colonialismo ou o capitalismo foram a ruína das mulheres e desconsideram a atuação do sistema patriarcal em sua totalidade para a subjugação da figura feminina, o enfoque dos estudos feministas pós-coloniais, portanto, intenciona a desconstrução dos conceitos desenvolvidos pelo sistema patriarcal e colonial.

A resistência ocorre no momento do silêncio quando o discurso do nativo precisa ser apropriado de fora, “[...] como uma coisa que inclui dentro de si mesma a compreensão subjetiva do nativo” (BHABHA, 2003, p.212). Assim, na transposição para a literatura, o sujeito-objeto transmite ou revela apenas fragmentos de si mesmo, mas não se anula como sujeito. Bonnici (2009) afirma que esta recorrência ao silêncio demonstra que após muitos anos de exploração e dominação, o homem colonial ainda resiste em usar ideias coloniais pautadas em diferenças culturais e não compreende a totalidade destas culturas nativas.

Soraya era silenciosa com o professor e, mesmo sendo uma confidente para ele, quanto à sua vida, mantinha segredos: “Soraya nada revela de sua vida fora de Windsor Mansions. Soraya não é o seu nome verdadeiro, com toda certeza” (COETZEE, 2000, p.09), e ao encontrá-lo por acaso com seus filhos fora do seu ambiente de “trabalho”, surpreende-se e, assim, encerra o contato com David. O professor então sai com outras mulheres, como a sua secretária, leva-a para jantar e vão a sua casa, mas ele pensa que é um erro: “Ela se retorcer, dá-lhe unhas e borbulha de excitação, mas no fim simplesmente o repele” (COETZEE, 2000, p.16). As mulheres com David comportam-se sempre amenas e caladas, o que o impressiona, quando ao tentar contatar novamente Soraya, ela grita com ele: “Você está me assediando na minha própria casa. Por favor, nunca mais me telefone aqui, nunca” (COETZEE, 2000, p.17); então ele percebe, “Ela pede. Ela quer é *exigir*. A irritação dela o surpreende: nunca houve nenhum sinal disso antes” (COETZEE,

2000, p.17). Este momento que quebra com o normal da personagem também marca o momento de encontro com Melanie, no qual a vida de David se inverte e há a sua “queda”.

Por outro lado, Lucy, filha de David, representa a mulher da classe burguesa e também as inversões dos esquemas de propriedade e produção no ambiente rural. De acordo com Bonnici no artigo *Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês* (2006),

Lucy deseja começar desde o início da história colonial, ou seja, quer sentir o que a negra durante séculos sentia quando foi expulsa de suas terras, fragmentada em seu ser e em sua vida coletiva, posta em diáspora forçada, violentada sexualmente pelo branco e objetivada até a inanição (BONNICI, 2006, p.20).

David questiona Lucy: “Pensou que se não desse queixa na polícia eles não voltariam? Foi isso que você pensou?” (COETZEE, 2000, p.178), mas Lucy responde que não e ao ser indagada do porquê, apenas fica em silêncio. A saída de Lucy é não revelar os acontecimentos, como se nada fosse aliviar ou recompensar o que houve. Lucy procura apenas esquecer ou esconder e seguir em frente. Em determinados momentos, enfrenta David quando ele toca no assunto, pois sempre pergunta à filha se faz isso como uma forma de salvação, mas ela responde:

Eu só estou tentando salvar a minha pele. Se é isso que você acha, está entendendo tudo errado [...] Culpa e salvação são coisas abstratas. Eu não funciono em termos de abstrações. Enquanto não fizer um esforço para entender isso, não tenho nada para dizer (COETZEE, 2000, p.130).

Lucy apresenta os seus motivos, mas continua incompreensível para David. As mulheres subjugadas no romance não são compreendidas pelo protagonista que, mesmo falando e pensando por elas, mesmo sendo a voz que apresenta aos leitores os pensamentos destas mulheres, não as compreende, como uma forma de demonstrar, segundo Bandeira (2008), a falta de interesse do próprio colonizador frente à história e à cultura do colonizado. Durante a colonização e após o processo, o povo nativo resistia, ainda que de forma limitada, assim, “a assimilação dos costumes europeus, com a consequente destruição – ou enfraquecimento – das tradições seculares, não foi suficiente para aniquilar o cerne de resistência dos grupos nativos do país” (BANDEIRA, 2008, p.81).

David pergunta a Lucy se ela pretende alcançar a salvação por não denunciar o abuso e por receber “pacificamente” esse sofrimento, com o casamento e a assumindo a gravidez; então ela responde que “É, eu concordo, é humilhante. Mas talvez seja um bom ponto para começar de novo” (COETZEE, 2000, p.231). Como se quisesse esquecer e recomeçar do nada e sem nada.

David reflete que isso é algo que acontece o tempo todo, o abuso de Lucy, ou uma mulher branca, significa a própria História falando por meio deles, tudo seria pertencente ao âmbito público:

Isso acontece todo o dia, toda a hora, todo minuto, diz a si mesmo, em toda a parte do país. Considere-se feliz de ter escapado com vida. Considere-se feliz de não estar preso no carro neste momento, sendo levado embora, ou no fundo de um canal com uma bala na cabeça. Sorte de Lucy também. Acima de tudo Lucy (COETZEE, 2000, p.113).

David não se questiona, entretanto, sobre a sua conduta sexual e sua história com as outras mulheres, o que é confrontado por Lucy: “Quando se trata de homens e sexo, David, nada mais me surpreende. [...] Você é homem, deve saber” (COETZEE, 2000, p.180). David, neste momento se questiona se ela e ele estão do mesmo lado e questiona se Lucy conta e lida com os fatos desta forma por que os homens eram negros e não brancos, porque essa situação que ela passou é de escravidão, na visão de David, eles que escravizá-la, porém ela responde: Não é escravidão. É sujeição. Submissão” (COETZEE, 2000, p.181), apontando para a carga patriarcal que carregam os regimes colonialistas. Neste novo cenário, a alternância do poder é exposta com a decadência e desgraça de David e de Lucy e a passagem dos bens de Lucy para Petrus, além de se subordinar a condição de ser sua “protegida”:

Um risco possuir coisas: um carro, um par de sapatos, um maço de cigarros. Coisas insuficientes em circulação, carros, sapatos, cigarros insuficientes. Gente de mais, coisas de menos. O que existe tem de estar em circulação, de forma que as pessoas possam ter a chance de serem felizes por um dia. Essa é a teoria; apegar-se a teoria e ao conforto da teoria. Não a maldade humana, apenas um vasto sistema circulatório, para cujo funcionamento piedade e terror são irrelevantes. É assim que se deve ver a vida neste país: em seu aspecto sistemático. Senão se enlouquece (COETZEE, 2000, p.144).

Coetzee, ao pensar este novo cenário, constrói uma narrativa de resistência que, de acordo com Bhabha (2003), ultrapassa o pensar das tradições ou a busca pelas origens da sociedade, mas orienta-se pelo “além”, na atividade negadora, de perceber o estranho e demonstrar este processo de “estranhamento” que orienta as novas relações sociais interculturais. Lucy vive este “estranhamento” no momento que sua vida privada muda totalmente após a invasão da sua casa e os eventos externos e históricos se misturam aos acontecimentos pessoais. David reconhece que o estupro tem raízes sociais e admite que a “história [esta] falando por meio deles”, mas também afirma que “[...] seja o que for, o que está acontecendo com ela agora ficará gravado em pedra, pertencerá ao passado” (COETZEE, 2000,

p.109). A imagem do Eu e do Outro é constantemente referenciada no romance *Desonra*, através dos personagens, em especial David, Lucy, Melanie e Petrus. O problema da reflexão acerca da identidade no contexto pós-colonial não se assenta na definição dos sujeitos, já que o sujeito pós-colonial é “sobredeterminado de fora”, como afirma Bhabha (2003). De acordo com Bhabha (2003), é “[...] a perturbadora distância entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial – o artifício do homem branco inscrito no corpo do homem negro” (BHABHA, 2003, p.76).

David também percebe que Lucy não se enquadra na mesma “categoria” que a dele. Agora Lucy é rotulada por pertencer ao mundo rural e, no mundo rural, para David, Lucy decaiu, é um “[...] retrocesso, essa sólida colona” (COETZEE, 2000, p.73). A identidade pós-colonial aparece no meio artístico em contradição ao discurso tradicional, não pensado a partir da reflexão sobre a natureza humana ou sobre a distinção natureza/cultura, mas “o problema da identidade retorna como um questionamento persistente do enquadramento, do espaço de representação, onde a imagem [...] é confrontada por sua diferença, seu Outro” (BHABHA, 2003, p.79). As identidades e as culturas nacionais, como desenvolve Hall (2002), não podem ser pensadas de forma homogênea ou como unidade, mas como fluidas, mutáveis e transformadas pelas interações culturais que resultam em terceiras identidades com vestígios de outras.

Melanie também escapa à compreensão de David, pois prefere ficar em silêncio, “tornar-se invisível” na presença dele; ela figura como a identidade proposta por Bhabha (2003), que através da negação percebe que é impossível enxergar o invisível como “[...] a impossibilidade de reivindicar uma origem para o Eu (ou o Outro) dentro de uma tradição de representação que concebe a identidade como a satisfação de um objeto de visão totalizante, plenitudinário” (BHABHA, 2003, p.79). O discurso do colonizado deve desconstruir a identidade fixada durante a colonização que o escraviza por ser “inferior” e também escraviza o colonizador por ser “superior”; assim, o colonizador está preso à função de civilizar e o colonizado sempre almeja a posição daquele. A partir da pesquisa de Fanon sobre os elementos psíquicos dessa apropriação da identidade, Bhabha assevera que

É sempre em relação ao lugar do outro que o desejo colonial é articulado: o espaço fantasmagórico da posse, que nenhum sujeito pode ocupar sozinho ou de modo fixo e, portanto, permite o sonho da inversão dos papéis (BHABHA, 2003, p.76).

Esse lugar de desejo buscado pelo colonizado também é um espaço de deslocamento, pois ao ocupar o lugar do colonizador, ainda mantém seu desejo por vingança. No romance, David entende que o ataque e o plano de Petrus em se casar com Lucy visam a dominação dos bens de Lucy. Para ele, o significado de tudo está na “circulação dos bens”; em um mundo de desigualdade, não se pode ter porque possuir desperta o desejo do outro de possuir o que lhe pertence. Lucy responde ao pai sobre o casamento e sobre Petrus: “De qualquer modo, não sou eu que ele quer, é a fazenda. A fazenda é o meu dote” (COETZEE, 2000, p.229). Neste momento David se cala e a sua reação não acontece, ele apenas pensa, pensa como o colonizador pensa o colonizado: “Frases que evitou a vida inteira parecem de repente justas, corretas: *Ensinar uma lição. Colocar no seu devido lugar*. Então é assim, pensa! Então ser selvagem é isso!” (COETZEE, 2000, p.233).

O espaço de trânsito, que marca o entre-lugar, apresenta figuras deslocadas, que convergem entre passado e presente. David vê sua vida “decair” e precisa abrir mão da sua antiga visão porque a nova sociedade africana pós-*apartheid* exige que ele enfrente novas situações. Mesmo com a recusa em aceitar, o personagem reconhece em suas reflexões que talvez tenha que se desfazer de tudo e se humilhar também: “Depois da carne doce e jovem de Melanie Isaacs é isto que me resta. É com isto que tenho que me acostumar, isto e até menos que isto” (COETZEE, 2000, p.170).

A partir do espaço de intervenção proporcionado pelo contato com o outro, a narrativa torna-se uma experiência de resistência, com a subversão das bases tradicionais e do binarismo clássico, com a emergência de um novo Eu marcado pela alteridade e dependente do Outro. O povo não pode ser pensado mais na diferença com o Outro, mas “o sujeito nacional se divide na perspectiva etnográfica da contemporaneidade da cultura e oferece tanto uma posição teórica quanto uma autoridade narrativa para vozes marginais ou discursos da minoria” (BHABHA, 2003, p.213). A narrativa da resistência revela este discurso do entre-lugar, das heterogeneidades e das minorias, como aponta Santiago (2000) sobre a América Latina, pensamento que pode ser generalizado para a produção pós-colonial, “[...] ela deve descondicar o leitor [...] liberar a imagem de uma América Latina sorridente e feliz, o carnaval e a *fiesta*, colônia de férias para turismo cultural” (SANTIAGO, 2000, p.26). Coetzee provoca no seu leitor o questionamento sobre a situação pós-colonial e pós-*apartheid* da África do Sul, como também possibilita uma

problematização sobre a identidade e a alteridade elaborada dentro do contexto colonial, de forma a apresentar na sua narrativa também um discurso resistente às estruturas de poder, como a Comissão da Verdade e da Reconciliação, medida que, no momento, não seria apropriada a situação de “transição” no país.

O colonizado sempre será uma figura deslocada para o colonizador, que não o compreende, pois está envolvido em um processo de enquadramento e unidade que determina quem é este outro e como ele será representado. David não compreende Lucy, mesmo ela expressando seus sentimentos, ou não compreende suas amantes que preferem se calar e se anular durante o contato com ele. A personagem masculina relata os sentimentos de suas amantes, como se ele fosse o responsável por transmitir os seus pensamentos, entretanto, David é incapaz de fazê-lo. Melanie e Soraya já foram postas na alteridade e assim, tudo o que ele diz sobre elas se transforma e adapta à sua concepção colonialista e patrimonialista, o que torna qualquer descrição sujeita à visão de David.

A literatura de resistência, como aponta Bonnici (2009), busca a elaboração de novas possibilidades de identidade e subjetividades, mas o abismo entre brancos e negros não pode ser ultrapassado e o escritor branco entende que “[...] é impossível reproduzir ou estabelecer a memória e a história do colonizado” (BONNICI, 2009, p.285). A literatura pós-colonial de resistência, segundo Bhabha (2003), inscreve-se em um terceiro espaço de enunciação, marcado pelo “inter”, ou seja, o abandono de definições e discursos binários para a reflexão sobre o híbrido. Neste espaço podem-se pensar as outras vozes e outras culturas antes não ouvidas, “[...] é capaz de abrir o caminho à conceitualização de uma cultura *internacional*, baseada não no exotismo do multiculturalismo ou na *diversidade* de culturas, mas na inscrição e articulação do *hibridismo* da cultura” (BHABHA, 2003, p.69). Assim, apesar das diferenças entre Lucy, Melanie e Soraya, ambas lutam para adquirir igualdade de direitos e discurso.

Na emersão de novas possibilidades de identificações, que é possibilitada com esta ampliação da visão sobre o outro em um espaço de inter-relações marcado pelo contato com o diferente, revela-se, na literatura, como novas ideias de identidades e também novos signos contestatórios e libertários. Assim como Lucy aceita o seu filho, filho da violência que, de acordo com David, “[...] não passa de um verme no útero de sua filha [...] semente enfiada na mulher não por amor, mas por ódio, misturada caoticamente, com a intenção de sujá-la, de marcá-la [...]”

(COETZEE, 2000, p.224). O filho de Lucy é símbolo da inversão dos poderes, como os colonizadores invadiram e impuseram a sua cultura, agora Lucy - representativa da terra dominada - é abusada por um grupo de negros que produzem seus “frutos” sem o seu consentimento, mas também é revelador de um novo tempo, um novo começo, mas um começar do nada, submissa ao negro que cuidava da sua fazenda e que agora é seu marido. A personagem, como a terra dominada, perdoa os erros dos homens à espera de um começo, um começo com sementes plantadas no passado.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Marília F. *Representações da Violência em Disgrace e Waiting for the Barbarians de J. M. Coetzee*. Agosto, 2008. 167 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- BOEHMER (1995) apud RAMOS, Neila R. C. A literatura pós-colonial e a construção da identidade feminina negra em “A Cor Púrpura” de Alice Walker. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 2009. Salvador. *Anais I Enlaçando Sexualidades*. Salvador: UNEB, 2009, p.01-13.
- BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.
- BONNICI, Thomas. Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês. In: *Acta. Scientiarum Human and Social Sciences*, Maringá, vol. 28, n.01, p.13-25, 2006.
- BONNICI, Thomas (org). *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CINTRA, Antônio O. As comissões de verdade e reconciliação: o caso da África do Sul. Brasília: Biblioteca digital da Câmara dos deputados, 2001.
- COETZEE, J. M. *White Writing: On the culture of letters in South Africa*. New Haven: Yale University Press, 1988.
- COETZEE, J. M. *Aldade do Ferro*. Trad. Sônia Regis. São Paulo: Siciliano, 1992.
- COETZEE, J. M. *Desonra*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- DOVEY (1993) apud BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.

FANON, Franz. *Os condenados da terra*. 2 ed. Trad. J. L. de Melo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979. Entrevista concedida para prefácio do livro.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERNANDES, Leila L. (2008) apud ÁFRICA, O despertar de um continente. Volume I. VOL.I – Introdução aos Estudos da África. Centro de Estudos Africanos, USP.

McCLINTOCK, Anne. *Imperial Leather: Race, Gender, and Sexuality in the Colonial Context*. New York: Routledge, 1995.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

RAMOS, Neila R. C. A literatura pós-colonial e a construção da identidade feminina negra em “A Cor Púrpura” de Alice Walker. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO, 2009. Salvador. *Anais I Enlaçando Sexualidades*. Salvador: UNEB, 2009, p.01-13.

SAID, Edward. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo. Companhia das letras, 1990.

SANTOS, EloínaPrati dos. Pós-colonialismo e pós-colonialidade. In: FIGUEIREDO, Eurídice. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.



*Artigo recebido para publicação em 04 de fevereiro de 2015
Aprovado para publicação em 03 de dezembro de 2015*

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

ALVES, Ruane Maciel Kaminski; MERINO, Ximena Antonia Díaz. O Feminino como Resistência na Obra *Desonra* de Coetzee (2000). *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 15, n. 02, p. 150-164 de 207, jul./dez., 2015. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >